



Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 138 - 156

O toque, o abraço e o amor como bases para a formação de vínculos afetivos

Touch, hug and love as bases for the formation of affective bonds

Adelma Pimentel

Resumo: ensaio no âmbito da Psicologia Clínica inspirada na fenomenologia existencial e na Gestalt-terapia problematiza a composição de vínculos afetivos. Recorta-se a função de contato tocar, o abraço nos cenários da casa, do lar, do hospital e da *covid-19* e o amor para identificar a estrutura do vínculo afetivo. A relevância do tema resulta da percepção dos distanciamentos físico e social entre as pessoas. Usou-se livros, dissertação, teses e artigos para dialogo metateórico. Encontrou-se pontos de vista sobre elos de ligação entre as pessoas; significados simbólicos da casa e do lar que interferem no desenvolvimento emocional; sobre a fadiga do trabalho no hospital que reduz a empatia com a inserção dos *humanoides* nas enfermarias; e sobre o *poliamor* como um caminho para ampliar a união em casamento. Concluo que o amor expresso como *Philia*, *Ágape*, *Eros*, *Caridade*, *Poliamor* é o suporte fundamental para a condição humana, e o principal apoio que sustenta a formação dos vínculos; o abraço é alicerce para a instalação da confiança e da comunicação sem jogos manipulativos.

Palavras chave: vínculo; tocar; abraço, amor,

Abstract: An essay within the scope of Clinical Psychology, inspired by existential phenomenology and Gestalt-therapy, problematizes the composition of affective bonds. The function of touching contact, hugging in the scenarios of house, home, hospital and covid-19 is included, as well as love to identify the structure of the bond. The relevance of the theme results from the perception of physical and social distances between people. Books, dissertations, theses and articles were used for metatheoretical dialogue. Views were found on the links between people; symbolic meanings of house and home that interfere with emotional development; about the fatigue of working in the hospital that reduces empathy with the inclusion of humanoids in the wards; and about polyamory as a way to broadening to unite in marriage. I conclude that the love expressed as *Philia*, *Agape*, *Eros*, *Charity*, *Polyamor* is the fundamental support for the human condition, and the main support that sustains the formation of bonds; the hug is the foundation for the installation of trust and communication without manipulative games.

Keywords: bond; touch; hug love

Introdução

Neste ensaio no âmbito da Psicologia Clínica, inspirada na fenomenologia existencial e na Gestalt-terapia problematizo a composição de vínculos afetivos, a partir do recorte da função de contato tocar, da vivência do abraço nos cenários da casa e do

lar; o cuidar no hospital; da *covid-19*; e do amor para identificar a estrutura do vínculo/laço afetivo.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

A proposição do texto está ligada a percepção na prática clínica da presença da ansiedade e das várias ausências, agudas e crônicas: da vivência do amor; do cuidado familiar; da autonomia para realizar escolhas e da responsabilidade pelo modo de estar no mundo de relações, referências, tarefas, coisas.... *Sorge* (*cura, cuidado*) se realiza ao assumir a responsabilidade como condição ontológica de minha existência. Ao me implicar sou eu mesma cotidianamente; envolvida espacial e temporalmente *aí*, abertura e presença finita, consciente, histórica. Pessoal e coletivamente-com. (Heidegger,2013; Pimentel, 2013, 2021; Mota, Assis & Satelis, 2020)

Observando a manifestação destes elementos na psicoterapia elaborei esta escritura. Ressalto que a tarefa prossegue em desenvolvimento, dada a complexidade que envolve o desvelamento da vivência do amor e do abraço, pois evidencia a tensão entre viver de modo inautêntico e de modo autêntico; também devido ao embaçamento dos parâmetros éticos; a valência negativa do tocar que afeta a ação ativa da pessoa na construção de sua vida. Este conjunto de indicadores atinge a auto imagem, a apreciação por si mesmo e o sentido atribuído a existência.

2. Referencial Teórico

No diálogo metateórico situo que, ao recortar temporalmente as obras utilizadas, ora considero o contexto da produção da mesma; ora o transponho para o aqui agora, selecionando alguns acontecimentos que atravessam a formação de vínculos afetivos. (Heidegger, 2013; Lowen, 1979; Barco, 2012; Montagu, 1986; Zimmerman, 2010; Polster, M & Polster E. 2001; Levy, 1977; Pimentel, 2013)

Sobre o potencial do abraço alinhavo a conjectura de Fernandes (2011, p 158), “*Sorge* (*cura, cuidado*), se entendido de maneira correta, isto é, de modo fundamental-ontológico, nunca pode ser diferenciado em contraposição ao amor, mas é o nome para a constituição extático temporal do traço fundamental da presença (*Dasein*), a saber, da compreensão do ser”.

Na asserção temos como ponto de partida que todo humano *lançado* no mundo é/ou deveria/ ser um cuidador da própria existência, pois cuidar é nosso modo essencial



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

de ser e ser-com que, ontologicamente nos diferencia. Neste ponto de vista, a ansiedade é parte do jeito inautêntico de ser de quem a vivência. Na tarefa da psicoterapia colaboramos para o repensar das ausências crônicas referidas e sua mudança, pela vivência do amor e do abraço, na presença viva de pessoas cuidadosas, atentas e recíprocas na mediação do tocar e ser tocado de forma saudável (Heidegger, 2013)

Na psicoterapia oferecemos aos pacientes escuta clínica, relação horizontal no modo buberiano Eu-Tu, e breves experimentos gestálticos com o conteúdo por eles narrados; o que favorece ampliar a percepção e apreciação dos seus predicados gerais, e do autocuidado. Considero necessário que, nos encontros habituais entre pessoas o contato físico seja fio condutor da comunicação, respeitando os limites da dificuldade com o tocar. Deste modo é possível inserir, paulatinamente, na vida pessoal e relacional o abraço. (Buber, 2009; Pimentel, 2013)

O abraço participa dos processos de identidade e subjetivação pessoal. Para Lowen (1979) o senso de identidade está relacionado a vivência do corpo; porém as pessoas, de modo geral, não refletem cotidianamente sobre a questão: *Quem sou eu?* Muitos nem sequer a colocam para si ao longo da vida; e quando o fazem para o outro é associada a questões materiais, e ao documento; pois, na cultura brasileira está amalgamada a materialidade da resposta à cédula de identidade da pessoa; ao Registro Geral de Identificação, a “famosa” Carteira de Identidade emitida pela Secretaria de Segurança Pública do Estado. (Menezes, 2007; Pereira & Lapa, 2010)

Cédula de identidade da pessoa tem ligação com a presença física por ser um constituinte formal da identidade civil, elaborado pelo Estado para cadastro da população; controle de impostos e do comportamento no contexto de pertencimento a uma comunidade de habitantes de um lugar. Entretanto, o valor a ela atribuído não pode transcender o autorreconhecimento do senso psíquico de identidade. Para Lowen (1979, p 16), “O senso de identidade provém de uma sensação de contato com o corpo. Da

consciência daquilo que sente. Deve conhecer a expressão de seu rosto, a sua postura e a forma de movimentar-se”.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

Quando há dissonância entre a percepção, a sensação corporal e a consciência a pessoa entra no horizonte da imagem, “Termo que se refere a símbolos e criações mentais em oposição à realidade da experiência física. Isto não quer dizer que as imagens sejam irreais, porém elas possuem uma ordem de realidade diferente dos fenômenos corporais” (Lowen, 1979, p 17). “No meio social, a imagem possui aspectos positivos bem como negativos, conforme o emprego capaz de mobilizar uma resposta em massa” (p.18).

No que se alude a experiências coletivas acerca da importância do abraço, Costa et all. (2021, p 2) desenvolveram o projeto *Tenda do Abraço*, pesquisa-ação existencial inserida em uma metodologia do cuidado, com 48 alunos da faculdade de enfermagem da UERN objetivando,

Levar até as pessoas (comunidades, escolas, local de trabalho, universidades...) mais diálogo, amor, afeto e partilha de conhecimento. Os efeitos dos encontros promovidos pela Tenda do Abraço são para além das afetações das pessoas que participam, pois, ao mesmo tempo em que o indivíduo é afetado, ele também promove afetações em outros corpos.

Os autores afirmam que “O abraço cria um círculo de cooperação que promove o crescimento, a cura, compreensão. Ao abrir os braços para abraçar, também está permitindo abrir o coração para amar”. (Costa et all., 2021, p 7).

Pereira & Lapa (2010, p.144) elencam Winicott, Piaget, Melanie Klein, Carl Rogers, Erik Fromm e Freud, Spitz e Montagu, autores em Psicologia que situam o abraço como elemento terapêutico, importante para,

O contacto e os laços afectivos e emocionais na vida do ser humano no seu desenvolvimento. Segundo Toro, na clínica médica existem várias evidências que fundamentam que os transtornos dermatológicos (eczema, psoríase, entre outros) estão associados a doenças com conteúdos emocionais afectivos. O toque humano é responsável por adaptação do ser humano ao ambiente que o rodeia; desenvolvimento

psíquico da criança; desenvolvimento motor, cognitivo e afectivo; da linguagem; de comportamentos saudáveis e de uma boa socialização.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

2.2. Covid-19: restrições no tocar

Outra questão enfocada no texto devido à restrição do tocar e do abraçar é a reflexão sobre alguns aspectos do aforismo que os governos mundiais recomendaram para que o *Corona vírus* não se propagasse: “Fique em casa!”. Com o isolamento social o tocar e o abraçar foram inclusos nas medidas de contenção da *Covid-19*. (OMS,2020)

O isolamento social foi em 2020 e se estende por 2021 o principal evento produzido mundialmente, que danificou os vínculos físicos, impondo o retraimento da expressão afetiva humana e o afastamento corporal das pessoas. O impedimento do abraço foi um efeito da disjunção social, que, com a vacinação em massa está em compasso de reassunção; todavia, ainda é uma prática cautelosa entre pessoas, devido o desconhecimento dos efeitos do *Corona vírus* que permanece. (Pimentel & Malcher, 2020)

A pandemia balizou a circulação nos espaços públicos pelas pessoas. Henrique (2020) ao refletir sobre o uso pela Organização Mundial de Saúde e governos mundiais do termo *isolamento social* apontou que o mesmo é inadequado, devido transmitir o sentido de exceção do contato físico para evitar a transmissão do vírus, “Argumentamos pela não utilização da expressão ‘isolamento social’. Provavelmente não atropelaria o entendimento o uso de expressões como ‘isolamento físico’ ou ‘isolamento social físico’, ou ‘isolamento social presencial. Estamos em isolamento social físico.” (Henrique, 2020, p 7)

Para o autor, o que se abrevia é a circulação nas ruas e não o toque. Entendo que o desconhecimento sobre a transmissão do *Corona vírus* causou pavor nas pessoas, bem como a assimilação da restrição ao contato das mãos e do toque físico. Portanto, há uma ligação entre isolamento físico e isolamento social, por ser a circulação pública um vetor de transmissão da *Covid-19*, devido ao uso máximo do espaço geográfico das ruas; a

proximidade das barracas nas feiras, esbarrões entre vendedores e clientes, tapinhas nos ombros entre compadres que se encontram nos supermercados, etc.

Enfim, avalio que não basta mudar o termo isolamento social para isolamento físico, pois, o isolamento nas duas formas é danoso e mensageiro de uma complexidade



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

de fatores. Juntos impõem demarcações à vivência do afeto, do tocar, do movimento, do trabalho fora de casa, do compartilhamento de alegrias, e o medo de morrer.

Os países adotaram medidas severas de não tocar as pessoas em casa e na rua baseando-se, entre outros elementos, na hipótese do contágio pelas mãos e das fronteiras da baixa imunidade em pessoas idosas. Do ponto de vista da racionalidade científica, tal medida se fundamenta no dualismo psicofísico cartesiano que, acentua o valor da *Res Cogitans*; logo, o isolamento social ou a restrição do contato físico estão contidas na lógica de pouco relevo as necessidades corporais. (Descartes,2001)

Na Região Norte do Brasil, especificamente em Belém/Pará, no mês de setembro de 2021, para orientar o trânsito pessoal nos espaços públicos e no trabalho foi estabelecido pelo comitê de controle sanitário de gestão da pandemia da *Covid-19* o sistema de bandeiras. A cor verde passou a orientar os trajetos na cidade e no campus universitário. De tal modo, pequenas reuniões com até cinco pessoas poderiam ocorrer, desde que os participantes estivessem vacinados com as duas doses de imunizante. Nas reuniões foram inclusos os abraços. Em minha observação e vivência pondero que a avidez nos encontros pelo toque, e pela troca de abraços é uma característica do movimento espontâneo entre as pessoas que se estimam. O medo cedeu lugar a saudade e a necessidade em realizar contato físico.

2.3. Pele

A pele é o revestimento do corpo fenomenológico. Barco (2012, pp2-3) aponta que na língua alemã, presente nos escritos de Edmund Husserl, a palavra corpo é associada aos vocábulos *Leib* (animado) e *Korper*, (corpo físico qualquer),

Leib tem origem na palavra do alemão medieval *lîp*, cujo uso era primeiramente indiferenciável entre „corpo “e „vida “e só sucessivamente adquiriu o significado de corpo próprio e anímico, separando-se do sentido de „vida “, que por sua vez tornou-se *Leben* no alemão contemporâneo. Já *Körper* é a germanização do latim *corpus* e, portanto, significa corpo morto ou corpo tomado como mera materialidade. Logo,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

Körper é uma generalidade: qualquer conteúdo que sensibilize a consciência, preencha uma forma extensa (tenha um *Dingschema*) e seja sólido, pode ser chamado de *Körper*.

Tocar e abraçar se realizam no corpo, na pele. Pondero que a vinculação física entre pessoas é associada ao ciclo vital, ou seja, em que, de modo amplo o tocar é associado aos bebês denotando que é muito comum na sociedade ocidental o encantamento por eles. Apreciar e sentir o aroma, tocar a pele macia dos bebês para quem tem e não tem filhos é estimulante; por sua vez, com o envelhecimento o oposto se dá: o afastamento da função de contato tocar e reduzida apreciação do cheiro da pele. (Duenha & Nunes, 2017; Lopes, Sá & Câmara, 2010)

De acordo com Montagu, (1986),

A pele apresenta as mais ostensivas evidências do envelhecimento: enruga, fica manchada, seca, perde a elasticidade...Uma das grandes mudanças que a idade determina, (p.370) em muitos casos, é a perda aparente da grande sensibilidade nas superfícies palmares das mãos. Os dedos e as palmas, em que estão localizados em maior número os elementos neurotáteis, parecem ter-se endurecido, como se a pele “calejada” tivesse perdido sua capacidade de transmitir e de receber suas antigas comunicações.

Com a restrição do toque em idosos há um aumento das suas demandas táteis. Para Montagu, (1986, p.371) “As necessidades táteis não parecem mudar com a idade; no mínimo, parecem aumentar”. A dissonância entre necessidade e não ser tocado para os idosos é uma resposta social devida ao modo com que são tratados na sociedade ocidental: com displicência, deixados de lado no aspecto decisório; alguns são usados como

provedores econômicos da família com a pensão de aposentadoria; e no indicador do toque são reduzidos os abraços.

Concluo esta seção com a menção as questões referentes ao toque por gênero, unicamente para apontar que restrições são mantidas na atualidade, embora em escala reduzida pelas lutas históricas dos movimentos de mulheres. A questão do tocar prossegue situada de modo binário para homens e mulheres, sendo aqueles ligados a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

vivência do toque sexuado e elas ao toque emocional ou afetivo. Abraços em público entre mulheres é menos censurado que o entre homens, tampouco suscita a ideia de uma relação homossexual, como é o pavor genérico dos homens.

2.4. Vínculos

O conceito de vínculo aqui priorizado é o proposto em Zimmerman (2010, p 21), que esclarece; “O termo vínculo, do latim *vinculum*, significa união, ligadura, uma atadura de características duradouras. Também significa um estado mental. Fundamental ao desenvolvimento da personalidade da criança.” Neste ponto de vista ao abraçar geramos vínculos.

Zimmerman refere que Bion foi o pesquisador que expressou o conceito de vínculo de modo aprofundado, “Vínculos são elos de ligação – emocional e relacional – que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes dentro de uma mesma pessoa” (Zimmerman, 2010, p 23-4). Além da definição o autor apresentou as modalidades de vínculos: *intersubjetivos; intrassubjetivos e transubjetivos*; bem como situou três de suas formas: o *Amor*, o *Ódio* e o *Conhecimento*. A estas modalidades Zimmerman acrescentou o vínculo do *Reconhecimento*.

Avançando na ponderação sobre a formação de vínculos afetivos presenciais considero ser demandante o contato. De acordo com Polster M & Polster E (2001) o contato transcende a companhia devido à forma e o modo em que ocorre: com a manutenção da singularidade, do senso de separação, porém agregando a possibilidade

em realizar uma união com o outro. O que realiza este modo de vincular-se é a fronteira de contato, o *locus* da experiência de abrir-se para o outro.

Contato união e separação são apoios que sustentam os vínculos duradouros. Estão presentes na amorosidade e na amizade; ambos elementos da afetividade, fertilizante que, na presença encarnada, favorecem a formação dos liames. Em uma proposição gestáltica contato-tocar e ser tocada é uma das funções relacionais necessária ao ajustamento criativo.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

Na amplitude do campo semântico da palavra tocar ressalto as significações alinhadas ao contexto da formação de vínculos afetivos: atingir, comover, aproximar-se e pertencer. Todas favorecem a pessoa estar presente quando em contato e relacionamentos. (Priberam,2021)

Além da presença-contato e toque na relação incluo na composição de vínculos afetivos a experiência do **dar-se conta** do que vivemos e do que há a cercania no diálogo entre figura e fundo, contextualizado intencionalmente,

Minha existencia aquí, e no momento que ocorre. Independente de como eu e os outros pensam ou julgam o dar-se conta, existe e nenhum argumento, ou alegação, nem teoria poderá fazer-lo não existir. *O dar-se conta do mundo exterior*: contato sensorial atual com objetos e eventos no presente: o que neste momento vejo, toco, toco, escuto, degusto, ... sinto. *Dar-se conta do mundo interior*: contato sensorial atual com eventos internos no presente: o que agora sinto sob minha pele, tensões musculares e movimentos, manifestações físicas; e os sentimentos e emoções, sensações de incomodo e, agrado, etc. neste momento sinto. (Steven, 1996; disponível em: <https://studylib.es/doc/4996874/darse-cuenta-y-proceso-de-cambio-personal>

2.5. Vínculos afetivos no lar e na casa

A reflexão sobre os significados correntes no ocidente dos elementos casa e lar carregam como primeira distinção entre ambos a afetiva. A casa é a representação social

da habitação, não tem o simbólico sentido de escolha que alguém realiza quando compra, reforma e decora um espaço físico para viver, a partir de um projeto de vida pessoal, singular ou de casais. No que lhe concerne, o significado do lar unipessoal ou coletivo deriva do latim *laris* denotando “Deus que proteja”; e no senso-comum idealizado, constitui o lar doce lar. (Dicio, 2021; Silva, 2016)

Idealmente a representação social do lar e da casa não têm significados iguais, tampouco são posses materiais generalizadas à população brasileira devido o reduzido índice socioeconômico da população. Os dois signos e espaços não formam uma



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

comunicação íntima e conformadora de vínculos afetivos. Por exemplo, algumas categorias de casa dificilmente se tornam lar: o abrigo de idosos e de bebês abandonados; a casa de passagem de adolescentes infratores; hospitais de internação e a prisão.

A vivência e a compreensão do que são vínculos afetivos nutridores para a criança e seu desenvolvimento emocional advém, inicialmente nas relações familiares e/ou de cuidadores no lar; entretanto, nem sempre eles ocorrem na casa, mesmo que nela se realizem várias formas do contato físico, incluso o castigo corporal.

Os vínculos sustentam a promoção da saúde plena e a formação da potência do autoconceito. Abraçar peito a peito encostando o tórax transmite o simbolismo afetivo do amor inscrito no coração; pode ser terapêutico e favorecer coragem para enfrentar o mundo da vida. Dar e receber abraços apertados; apertar o corpo inteiro junto ao corpo do outro transmite a sensação de calma e proteção plena que começa pelo físico, se estende aos neurônios culminando na vivência de pertencimento afetivo-com.

É pertinente lembrar que a sensação de apreciar o abraço não é universal. Levy, (1977 p 86) comenta que o “O toque é extaticamente agradável, e também poderá causar dor torturante”. Considero que se torna desagradável quando há o acúmulo de ressentimentos e memórias de abandono psicológico existencial, pois os “toques internos — não são somente de pele ou mãos” (p.16). Montagu (1986) abaliza que “na evolução dos sentidos, o tato foi o primeiro a surgir (p.21) ... O sentido mais intimamente associado à pele, é o primeiro a desenvolver-se no embrião humano” (p.22).

2.6. Vínculos afetivos no hospital

Passo a abordagem da função de contato tocar no contexto hospitalar. Neste espaço se destaca como limitador do tocar a ênfase na doença, a diminuição da empatia e da qualidade da conversa. A equipe de saúde esqueceu, no sentido heideggeriano, que abraçar e ser abraçado beneficia a saúde plena das pessoas. Assim, no hospital abraçar não é possível.

Em alguns hospitais a equipe de enfermagem está sendo formada com a presença de robôs humanóides, “Esse processo iniciou-se na rede privada, em 2008, com a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

incorporação da robótica em cirurgias. A tecnologia está presente nos estados do Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, e, desde 2011, no Sistema Único de Saúde” (Fernandes, Esteves, Teixeira & Gherardi-Donato, 2018, p 2). Um exemplo de robô *humanóide* é *Nadine*, construída na Universidade Tecnológica Nanyang, de Singapura,

Nadine simula uma pessoa real em diversos aspectos, inclusive no aperto de mão. O *toque* das mãos é uma das habilidades mais importantes durante as interações com pessoas. *Nadine* é sociável, possui diferentes tipos de humor, realiza contato olho no olho, reconhece pessoas após o primeiro contato e trava diálogos de acordo com o histórico de conversas anteriores com cada indivíduo. Isso traz uma perspectiva intrigante e paradoxal, em que características humanas perdidas pela falência das relações pessoa-pessoa são inseridas em relações máquina-pessoa com o intuito de suprir a necessidade humana de interação.

3. Algumas respostas para a duração dos vínculos afetivos

Superar limites culturais. Montagu (1986, p 333) afirma que, “Não só existem diferenças culturais e nacionais quanto a comportamentos táteis, como também diferenças de classe. É em geral possível dizer que, quanto mais elevada a classe menos há tatilidade; quanto mais baixa a classe, mais ela existe”. Entretanto, o autor pondera que não se deve fazer generalizações indevidas das atitudes sociais.

Moura (2016, p 2) em sua dissertação de mestrado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto corrobora a conclusão de Montagu (1986) sobre as questões culturais,

A demonstração de afeto em termos físicos e de forma pública varia também consoante a cultura em que se está inserido... As populações sul-americanas e mediterrâneas a existência de contacto físico entre os indivíduos é comum. A Alemanha, a Inglaterra, o Canadá e os Estados Unidos da América não são tão orientados para o toque,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

Amar de modo plural sem se restringir a forma mais comum de apresentar o amor na literatura e nas conversas cotidianas, ou seja, de associa-lo aos casais *cis gênero*. Na clínica, muitas vezes escutei que cônjuges ou *shipper* se afastaram discorrendo que o amor não bastava para manter a união. Em outros atendimentos me foi relatado que não havia amor entre os consanguíneos: irmãos e irmãs; mãe e filhos. Também conheço pessoas que não se interessam pelo amor romântico, mas por sexo eventual sem divisão da habitação, das tarefas, do dinheiro; e até mesmo de estabelecer uma relação permanente. Escolhem o sexo para descarga de energia tensional. Este pode ser feito de tempos em tempos. Tais argumentações apontam que os vínculos conjugais, familiares e consanguíneos podem ser frágeis como suportes de afeto nas relações. Um exemplo interessante é o filme *Álbum de Família* (2013) com Meryl Strep e Júlia Robert que aborda os laços desfeitos, agressividade e traições.

Almeida (2017) compôs sua tese de doutorado em Psicologia no IPUSP salientando o conceito de amor entre os parceiros. A pesquisa inclui um levantamento historiográfico e empírico no Brasil. Embora (frisando) o difícil papel conceitual da Psicologia científica, o autor apresenta o conceito de vínculo como uma “Experiencia ética de alteridade, respeito as diferenças do outro” (Almeida, 2017, p 28).

A abstração contém elementos estéticos e teóricos de sentido como a perfeição, o harmonioso, o belo que se aproxima mais do imaginado que do vivido, na atualidade repleta de violências psicológicas e físicas contra as mulheres. Almeida (2017) discorre

sobre os períodos históricos da humanidade apontando três representantes e textos importantes sobre o Amor: a obra *A Arte de Amar* do poeta grego *Púbio Ovídio Naso*, composta por três livros, cujo enfoque é da sedução feminina pela visão masculina; o livro *O Banquete* de *Platão* tematizando o *Amor-Eros* e a de *Aristóteles* com ponto de vista do amor *Philia*, de amizade. Penso que a composição evidencia que as reflexões literárias filosóficas e poéticas ao destacar a sedução, o desejo e a amizade como atributos dos vínculos de amor transmitem ao tempo presente a tese da hierarquia entre gêneros.

Almeida (2017) prossegue sua historiografia assinalando o surgimento do campo temático do amor *Caridade* e do *Ágape*, baseado no mandamento Cristiano. É um período



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

de intensa repressão ao amor *Eros* associado ao demônio e aos enganos da carne/corpo. Antes de chegar no período histórico da modernidade flexibilizam-se algumas normativas na cultura, nos costumes, na sexualidade; quanto ao papel das mulheres, o casamento; à igreja. Na ciência, *Rene Descartes* e seu *Tratado das Paixões*, “Explica o dualismo corpo-mente... com o intuito de mostrar como as paixões são produzidas pelos “espíritos animais” – a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. (p. 54). Surgem, além disso, reformas na vida dos casais, na vivência do prazer, do afeto, e os estados/países são constituídos,

Na pós-modernidade, o autor estabelece a contribuição das neurociências sobre o papel dos neurotransmissores nas paixões: bem-estar; e no amor associado ao apego. Pesquisas associam os neurotransmissores aos transtornos de ansiedade como o obsessivo-compulsivo, o que amplifica a conotação de explicações sobre a objetivação do amor.

Outro elemento importante na formação de casais é a internet. Almeida (2017, p 82) menciona que a internet inclui a “Terceirização da escolha de parceiros para softwares (*Tinder*) habilitados com algoritmos para sugerirem e aproximarem parceiros em potencial”. (Debord, 2003)

Em 2012, Hernandez (et. all.) realizou uma revisão de vinte anos de pesquisas desenvolvidos na abordagem da Psicologia Social experimental nas bases de dados online SciELO, IndexPSI e LILACS. Dentre as principais conclusões os autores apontam:

Foram descritas as principais teorias científicas sobre o amor e questões de gênero que, permeiam as relações amorosas. Nos estudos correlacionais investigações das relações entre autoestima e o amor, do processo de seleção de parceiros amorosos hetero e homossexuais, dos componentes do amor e a satisfação amorosa, dos tipos de experiências amorosas e o sexo dos participantes, da relevância das histórias de amor para descrever os tipos de amor experimentados, da relação entre bem-estar e a consistência ideal-percepção do parceiro amoroso e da evolução da comunicação amorosa por meio de cartas. Em termos gerais, abordaram aspectos da emergência,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

da estrutura e da manutenção dos vínculos amorosos. (Hernandes, et.all, 2021, p 137).

Hatakeyama, Almeida & Falcão (2017) discutiram o *poliamor* na vivência de jovens e idosos. No diálogo cotidiano e na comunicação massiva, menos que na pós-massiva, esta é uma questão de intrincado relevo na atualidade eivada pelo conservadorismo público de grupos religiosos e políticos (que praticam sexo privadamente,) centrados na propagação de uma imagem pública asséptica na expressividade do desejo Eros.

Perez & Palma (2018, p 2) em busca da definição de *poliamor* analisam o desenvolvimento das concepções de amor “Romântico, patriarcal, heteronormativo e de monogamia compulsória. A partir dessa compreensão tem-se:

O termo poliamor é importante para nomear relações que não se encaixam nas formas como o amor tem sido construído socialmente. Não é monogamia, pois pressupõe a relação com mais de um parceiro; mas também não é necessariamente contrário a seus princípios, pois o construto principal da monogamia, a fidelidade, pode fazer parte do contrato. Também não deve ser comparado à poligamia, pois não pressupõe assimetria de gênero. (Perez & Palma, 2018, p 3)

O século XXI é para os autores o meio em que a combustão na forma de vincular-se conjugalmente ocorre, já que, a tecnologia e a globalização aumentam a velocidade das mudanças. Com tantas opções de vida, os objetivos dos indivíduos se dividem entre

a liberdade, a estabilidade e a incerteza entre uma ou outra. O amor romântico começou a sair de cena, levando com ele a ideia de exclusividade. Entre as diversas alternativas que surgem, emerge a possibilidade de se amar e de se relacionar sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Me aproximo do final do texto em que busquei compreender a estruturação do vínculo afetivo. Resumo com a apresentação do que precisamos superar: o distanciamento físico e social entre as pessoas; os significados simbólicos e empíricos da casa como lugar de aridez afetiva; a fadiga que o trabalho provoca; a redução da empatia; a ausência de diálogo e a desconfiança no casamento; a agressão em todas as suas formas.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



e-ISSN 2675-410X

Na sequência mostro na figura 1 os elementos que integram a estrutura dos vínculos: a vivência do amor produz conexões nutritoras e a expressividade nos vários contextos geográficos; é a via de acesso ao mundo e o principal suporte que sustenta as relações inter-humanas; (entre pessoas, a natureza e os animais); o tocar facilita e promove o contato físico, o abraço é o alicerce da abertura pessoal para confiar e comunicar-se, sem os obstáculos de fingir ser quem não se é para agradar ao outro, nos diversos trânsitos. A vivência do amor permite o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Produz empatia, confiança e comunicação dialógica, desarma a agressividade e estabelece relações afetuosas horizontais.

Figura 1. estrutura do laço afetivo



Fonte: a autora

4. Por fim!

O amor é único. Agrupa em vivência e ‘práxis’ as dimensões *Philia*, *Ágape*, *Eros*, *Caridade*, *Poliamor* como suporte basal da condição humana. Na prática clínica de



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

Psicoterapeutas coopera para o desenvolvimento da atualização da síntese pessoal identitária elaborada por cada pessoa.

Tocar e ser tocado alude a percepção da beleza que transcende um perfil estético comercial presente na moda; a percepção da simpatia e a mobilização emocional provocada pela vivência do contato com o outro, com um animal, a natureza, etc. Nesta conjuntura compreendo que a experiência do tocar é composta pela interpretação que cada pessoa (re)elabora constantemente da cultura familiar e comunitária no lar em que vive, e onde recebe um volume grande ou pequeno de contato tátil.

As meditações dispostas no texto confirmam a riqueza inesgotável da vivência do amor na sua multiplicidade, a despeito de todas as camisas de força públicas a ela imposta.

Demonstra vários trânsitos e testemunha ser possível a convivência de pessoas/personagens como o *maluco beleza* da canção de Raul Seixas e o sujeito que se acomoda, restritamente, aos ditames dos processos de sociabilidade do século XXI; porém com voz para resistir ao fechamento, a ruptura com o mundo e tornar-se *clareira*.

As limitações do agir não são ausência de contato, mas conformidade que pode ser alterada pela via de acesso da psicoterapia. Meu desejo é que possamos transitar entre as restrições mundanas e o estímulo ao desenvolvimento do contato tátil (e de todas as funções de contato propostas em uma fundamentação gestáltica).

Encerro referindo um trecho da canção *Amor pra recomeçar* (2002) composta por Frejat, “Desejo que você tenha a quem amar; e quando estiver bem cansado, ainda exista amor pra recomeçar. Pra recomeçar” (<https://www.lettras.mus.br/frejat/46044/>).

Referências

- Almeida, T. (2017) **O conceito de amor**: um estudo exploratório com uma amostra brasileira. Tese de Doutorado ao PPG em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. IPUSP, São Paulo.
- Barco, A. (2012) A concepção husserliana de corporeidade: A distinção fenomenológica entre corpo próprio e corpos inanimados. **Synesis**, Petrópolis, v. 4, n. 2, p. 1-12, ago./dez.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

Barros, M.; Frejat, R. (2002) **Amor pra recomeçar**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/frejat/46044/>

Buber, M. (2009). **Eu e Tu**. Centauro Ed.

Costa, J. de F., Nelson, I. C. A. de S. R.; Couto, G. & França, R. C. da S. (2021). Tenda do abraço: Uma metodologia de cuidado pautada pelo afeto. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, 10 (2), e3610212133. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12133>

Dicio, **Dicionário Online de Português** (2021). Disponível em <https://www.dicio.com.br/lar/>

Descartes, R. (2001). **Discurso do Método**. Martins Fontes Editora.

Duenha, M. L.; Nunes, S. M. (2017). Presença que não se Faz Só: potências de afeto no ato de com-por entre corpos **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 99-122, jan./abr.

Debord, G. (2003). *La Société du Spectacle*. Éditions Gallimard.

Fernandes, M.N.F.; Esteves, R.B; Teixeira, C.A.B. & Gherardi-Donato, E.C.S. The present and the future of Nursing in the *Brave New World*. **Rev. Esc. Enferm USP**. 2018;52:e03356

Fernandes, M. A. (2011). O cuidado como amor em Heidegger. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 17(2), 158-171.

Hatakeyama, N. H., Almeida, T. de, & Falcão, D. V. da S. (2017). Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, 20(2), 271-292. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

Heidegger, M. (2013). **Ser e Tempo**. Vozes.

Letts, T. (2013). **Álbum de família**. Disponível em <http://www.conversacult.com.br/2014/01/resenha-album-de-familia-filme.html>

Levy, R. B. (1983). **Só posso tocar você agora**. Brasiliense.

Lopes, R.; Soares, M.; de Sá, L. & Câmara, V. (2010). Toque: ferramenta terapêutica no tratamento geriátrico e gerontológico. **Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano**, 6(3). <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.365>

Lowen, A. (1979). **Bioenergética**. Summus



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

Menezes, A. P. de (2007). Para Pensar o afeto. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, X, 2, 231-254

Mota, H. L.; Assis, G. A. P. de & Satelis, L. R. (2020). A Gestalt-Terapia como Clínica do Encontro: Compreendendo a Relação Dialógica. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica** | Vol. XXVI-Especial | 382-392

Montagu, A. (1986). **Tocar: O Significado humano da pele**. Summus

Moura, M. R. M. (2016). **A vivência do toque: o que nos dizem os idosos?** Dissertação de Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação da Universidade do Porto.

- Organização Mundial de Saúde (2020). **Guia com cuidados para saúde mental durante a pandemia**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792>
- Pereira, A. L. & Lapa Esteves, M. (2010). A importância de um abraço! International Journal of Developmental and Educational Psychology. **INFAD Revista de Psicologia**, Nº 1. pp:143-148
- Perez, T. S. & Palma, Y. A. (2018). Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. **Psicologia & Sociedade**, 30,
- Priberam (2021). **Significados da palavra tocar**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/toca>
- Pimentel, A. (2003). **O Psicodiagnóstico em Gestalt-terapia**. Summus
- Polster, E & Polster, M. (2001). **Gestalt-terapia integrada**. Summus,
- Silva, D. A. (2016). **Casa, lar**. In V598 Viagens, deslocamentos, espaços [recurso eletrônico]: (conceitos críticos) / Stelamaris Coser, organizadora. - Dados eletrônicos. - Vitória: EDUFES, 2016.
- Stevens, J. O. (1992). **El dar-se cuenta: ejercicios Y experimentos em terapia guesaltica**. Chile. Cuatro Vientos Editorial.
- Trazíbulo, H. (2020). Covid-19 e a Internet (ou estou em isolamento social físico) **Interfaces Científicas** • Aracaju • V.8 • N.3 • p.5-8.
- Zimerman, D. E. (2009). **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na Psicanálise e em nossas vidas**. Artmed.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



e-ISSN 2675-410X

Recebido: 26/11/2021 Aceito: 01/12/2021

Autora

Adelma Pimentel

Professora Titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Faculdade de Psicologia e PPGP da Universidade Federal do Pará. E-mail: adelmapi@ufpa.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976>

